



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## DE COMO COMEÇAMOS A ESCREVER CARTAS...

Graziela Escandiel de Lima - Universidade Federal de Santa Maria

### RESUMO

O texto busca refletir acerca da relevância acadêmica da proposição feita aos estudantes do Curso de Pedagogia Licenciatura Plena que vivenciaram a experiência do Estágio, bem como das professoras e pesquisadoras participantes do Grupo de Pesquisa TRAVESSIAS. Nesse sentido, será abordada a importância do processo de escrita reflexiva na formação inicial e na formação continuada, realizando interlocuções entre as obras de Paulo Freire, Professora SIM; Tia não: cartas a quem ousa ensinar (2015), a obra coletiva Cartas ao professor iniciante, organizada por Samantha Dias de Lima (2021), O Cotidiano e a história, de Agnes Heller (2008). Demonstra-se o trabalho desenvolvido a partir da escrita de Cartas entre Estudantes estagiárias e Professoras Regentes na situação de estágio na Educação Infantil no período pandêmico. Reforça-se que a escrita das Cartas contemplam prática formativa de grande valia para as participantes do Projeto que tornou-se o livro CARTAS SOBRE A DOCÊNCIA: práticas formativas em tempo de Pandemia.

**Palavras-chave:** Docência; Cartas Pedagógicas; Práticas Formativas

### INTRODUÇÃO

Nesta escrita/carta pretendo rememorar os inícios de um processo formativo vivenciado no Estágio Curricular do Curso de Pedagogia no contexto da Educação Infantil, no tempo da Pandemia. “De que você vai se lembrar? Essa é a pergunta-título de um artigo produzido no Ebook Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa. O livro, uma das obras produzidas no “tempo de quarentena”, foi o que mais cedo chegou até nós pelas redes sociais. “Tempo de quarentena” foi uma expressão escrita muitas vezes em um caderno que comecei a utilizar desde os primeiros dias em que as atividades de trabalho começaram a ser uma constante no interior de nossas próprias casas. Confesso que no início acreditei que seria um período pequeno, talvez um mês em que as coisas aconteceriam daquela forma...

Meu caderno terminou mais ou menos no final do primeiro semestre letivo de 2020, muitas foram as folhas em que lá escrevia a data seguida da expressão que me dava uma sensação de provisoriedade, dúvida e insegurança. Escolas em quarentena; Universidades em quarentena; famílias em quarentena, a vida começava a se passar de uma outra forma.



Na apresentação do livro, sua organizadora explica a forma como a obra foi idealizada e produzida: “Nunca mais seremos os mesmos depois que tudo isso passar” foi a expectativa exposta por uma integrante do grupo, um “será?” descrente foi a resposta de outra. O que se coloca entre uma questão e outra é, precisamente, a travessia” (Oliveira, 2020, p. 9).

TRAVESSIAS é o nome do nosso Grupo de Pesquisa, gestado nas manhãs de quarta-feira, quando eu e minhas primeiras Mestrandas nos reuníamos logo no início do distanciamento social proposto na Universidade. Talvez por isso o livro *Escolas em quarentena* seja uma das produções ainda muito viva em minha memória, tanto sentido e significado juntos, levam a pensar nas semelhanças vividas por esses dois grupos. A organizadora indica ainda, na apresentação do livro, datada do dia 02 de junho do primeiro ano da pandemia:

Podemos afirmar que este livro se assemelha àquela gaveta que todos nós temos em casa e na qual depositamos o que julgamos importante ser guardado, mas não temos, ainda, um lugar definido. Um livro-gaveta para ser “arrumado” depois, é mais ou menos essa a ideia (Oliveira, 2020, p. 9).

O Projeto CARTAS SOBRE A DOCÊNCIA é um pouco diferente disso. Registra-se o processo iniciado também no primeiro ano da pandemia, quando precisamos tomar algumas decisões acerca dos Estágios, da perspectiva de vida profissional de nossos estudantes, ou a continuidade da pausa que havíamos dado nesses processos e que representava o represamento dos estudantes no curso. Esse projeto produziu práticas formativas construídas acerca de uma situação nunca vivida: a realização de Estágios sem a possibilidade de contato presencial com as crianças, sem poder estar nas escolas. Conhecendo, muitas vezes, algumas pessoas somente pelas telas.

A partir desse ponto dessa escrita/carta, você vai poder conhecer um pouco mais desse processo...

Em 2020 iniciamos mais um ano letivo com disciplinas de um currículo novo, mas já conhecidas, visto que, no ano anterior, havia trabalhado com todas elas, na perspectiva de “experimentar” cada uma intensamente, tanto quanto foram intensas nossas lutas para que os conhecimentos relativos à Educação Infantil fossem ampliados, tivessem mais tempos e espaços de aprofundamento em atividades formativas e disciplinas obrigatórias no decorrer dos cursos de Pedagogia.

A pandemia nos deixou sós. Separou, segregou, silenciou nossos corpos. Tivemos que “nos reinventar”, viver o “novo normal”. Essas expressões foram logo incorporadas ao vocabulário de todos, mas, com o decorrer dos acontecimentos, percebemos que significavam



mais do que apenas um alerta. Essas foram as primeiras ideias que se pode ter para continuar a vida, em casa, tendo que nos proteger até dos próprios familiares, tendo em vista o eminente contágio pelo vírus da covid-19.

Tínhamos medo. Muito medo. E, como nos dizia Freire (2015, p. 47): “O medo, porém, em si é concreto. A questão que se nos apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço”. A questão que também se apresentou a todos e todas nós é o que nem mesmo Freire havia pensado em sua vasta produção que tanto nos auxilia a pensar a educação.

Nosso medo era concreto!

Precisamos fechar as escolas, precisamos ficar longe uns dos outros. Precisamos nos cuidar. E isso não aconteceria sem uma dose de angústia, insegurança e caos coletivamente sentido em maior ou menor intensidade. Com a pandemia as desigualdades sociais e econômicas foram também agravadas, portanto, era necessário, imperativo, eu diria, que as escolas desempenhassem um papel de assistência, tentando, dessa forma, também, manter contato com as famílias.

Passado algum tempo entendi que, novamente, as características da estrutura da vida cotidiana apontavam elementos de algumas relações que podemos estabelecer com a experiência vivida nos Estágios dos cursos de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria/RS, na pandemia.

A vida cotidiana é a vida de todo homem, do homem inteiro. Participamos da cotidianidade com todos os aspectos da nossa individualidade e personalidade (Heller, p. 31). A heterogeneidade, característica da vida cotidiana, repleta de repetições, fez com que logo precisássemos, em meio ao turbilhão de acontecimentos, escolher dentre as opções que tínhamos, a que nos parecia mais adequada social e eticamente, tendo em vista o papel da universidade na complexa situação que era vivenciada. Apesar de ficarmos em casa, mediante o distanciamento social requerido, o conteúdo e as significações de nossa cotidianidade foram se mostrando, além de heterogêneos, hierárquicos, nos solicitando escolher, na cadência dos acontecimentos, o que era imprescindível para o momento.

A escolha pela escrita de Cartas, não foi aleatória, a escolha pela leitura de Freire já vinha sendo feita... Ao ter contato com o E-book Cartas ao professor iniciante pude me aproximar de uma concepção muito próxima da que já havia construído acerca desse formato de escrita. A organizadora indica a intencionalidade na obra: “A escolha pela modalidade de gênero discursivo carta foi intencional. A carta não apenas transmite mensagens, mas ela fala



ao coração. Vem sempre carregada de emoções, sentimentos, trocas, perguntas, desafios, combinações, exemplos” (Lima, 2021, p. 24).

Muitas questões permearam a organização das práticas formativas no Projeto tendo em vista a necessidade de realizar o Estágio de forma remota. Essas questões perambulavam pelo teclado cada vez que sentava para organizar o que estudaríamos: Quais “conteúdos” formativos seriam trabalhados nesses processos que denominamos “Estágios Remotos”? Como os conhecimentos acerca do trabalho pedagógico seriam requeridos, revisados, pinçados das/nas práticas a serem desenvolvidas por nossos estudantes em contato com as escolas? Como não perder de vista o foco do trabalho no Estágio, as crianças, nosso ponto de partida e de chegada, sempre?

Logo no início dos processos do Estágio saltou aos olhos a provável ineficácia de trabalhar com as estudantes alguns elementos que compõem o trabalho pedagógico com as crianças pequenas. Qual o sentido de trabalhar o conceito de rotinas, por exemplo, em uma prática formativa que não envolvia estar na escola e viver a rotina que, muitas vezes, está impregnada até nas paredes de cada escola? Assim como as rotinas, outros conceitos foram perdendo a força nos planos de leituras que fizemos. Por estarmos propondo o Estágio de forma remota, o foco de estudos, reflexões e aprofundamentos foram sendo modificados e outros referenciais teóricos incorporados. Um exemplo é o E-book Cartas ao professor iniciante que realiza inserções importantes acerca das experiências de professores iniciantes, sendo foco o início da vida profissional, a entrada na carreira e/ou rede de ensino.

Esses movimentos e leituras geraram aprendizagens em cada participante que viveu esse processo de construção de práticas formativas, atravessadas pela situação pandêmica e compuseram outras formas de entender meu próprio trabalho nos Estágios no curso de Pedagogia.

À medida que fomos incorporando as estudantes aos encontros e a partir da escrita das Cartas, fomos também apontando possibilidades para o trabalho remoto com crianças pequenas, contribuindo com um outro entendimento por parte das famílias acerca das atividades que muitas vezes faziam mais sentido para elas, e não para as crianças. Isso porque gostariam que fossem organizados “trabalhinhos” em “folhinhas” a serem feitos e devolvidos posteriormente demonstrando o que, muitas vezes, nem as crianças entendiam o que seria.

Por fim, posso dizer que propor que o registro das reflexões acerca das experiências vivenciadas nas práticas formativas e profissionais com crianças pequenas, no Estágio remoto, renderam ao Grupo de Professoras a escrita de duas cartas aos Estudantes. As Estagiárias produziram três cartas cada um, a saber: Carta Inicial para as Professoras do Grupo TRAVESSIAS; Carta para sua Professora Regente - escrita de uma Proposta de Trabalho que



XXII ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES contribuiria com o que já vinha sendo realizado com as crianças - e a Carta de Despedida, que poderia ser escrita para quem escolhessem, desde que demonstrasse suas aprendizagens ao viver este processo.

Na construção dessa proposta formativa muitas foram as dúvidas que me acometiam e que levava para o Grupo de professoras, e/ou discutia com as estagiárias. Às vezes o Encontro de Formação era palco de todas as dúvidas possíveis naquele momento. Mesmo assim, nunca me senti só, sempre pude contar com as pessoas que quiseram estar presentes, participando, vivendo, experienciando, escrevendo cartas.

Passado um tempo, quando enfim pude retomar o processo vivido para organizar “nosso livro”, foi possível ver que nem tudo tocou a todas da mesma forma. Dizer que isso não importa seria não ser verdadeira comigo mesma. Como professora formadora me sinto, de alguma forma, responsável pelas percepções que as estudantes levam consigo, ao finalizarem a graduação, acerca do conjunto de experiências que vivenciaram, principalmente, nas condições em que esse curso foi vivido e finalizado.

As Cartas sobre a docência são escritas e reflexões que mostram a forma como cada uma interpretou e viveu a educação, a formação, a escola, as relações com as crianças, com os espaços e com o mundo num tempo histórico que nos marcou profundamente, mas que contribuiu para que pudéssemos valorizar mais o tempo dedicado, a possibilidade do toque, a liberdade de andar, falar, estar.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Professora, SIM; tia, não: Cartas a quem ousa ensinar. Epub; Paz e Terra; 24a ed. 2015.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LIMA, Graziela Escandiel de. CARTAS SOBRE A DOCÊNCIA: práticas formativas em tempo de pandemia. (2020-2023). Santa Maria: Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal de Santa Maria. 2020. [Projeto de Ensino]

LIMA, Samantha Dias de. Cartas ao professor iniciante. São Paulo: Pimenta Cultural: 2021.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de (org.). Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa. 1. ed. Londrina, PR: Madrepérola, 2020.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.) Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.